

Em Louvor de uma Academia

(Conclusão)

xou uma informação precisa a respeito numa obra póstuma (10). Preconizava uma instituição oficializada. E encontrou o apóio de Lucio de Mendonça (11). Mas, é ainda Medeiros quem nô-lo refere, Alberto Torres, Ministro da Justiça se opoz ao projeto. E a Academia apareceu então mas devido à iniciativa particular. (12) Ela, como a sua congênere e padrão francesa, resultou do encontro de escritores na redação da "Revista Brasileira" de José Veríssimo.

Francisco Prisco, biógrafo dêste grande crítico, opina nunca ter existido no Brasil um salão tão intelectualizado (13) como o daquela publicação. Das palestras no escritório, passaram a almoços mensais. Numa das vesperais da Revista, Lucio de Mendonça teve a lembrança da fundação da Academia.

Lucia Miguel Pereira, confirmando a paternidade da iniciativa de Lucio, (14) recorda ter sido eleito presidente Machado de Assis, reconduzido ao pôsto sempre até sua morte. Para mostrar a lucidez da visão dêse mestre e sua compreensão dos problemas de nossa evolução espiritual, assinalamos ter sugerido êle o alvitre de a Academia Brasileira organizar um dicionário de brasileirismos. Combatida por uns, desprezada por outros, namorada ostensivamente ou ocultamente por muitos, a Academia Brasileira de Letras se firmou, através de fases brilhantes como a do tempo de Machado de Assis, de diretrizes antipáticas como a do critério dos expoentes, pábulo a tantas críticas contra ela, quando acolhia escritores sem obras como Lauro Müller. Mas ela venceu. E cumpre um destino incontestavelmente luminoso, acolhendo vultos consagrados de nossas letras e cuidando, por meio de numerosos prêmios, de fomentar a produtividade intelectual.

No Paraná, a primeira organização acadêmica ou a isso semelhante foi a de nome Arcádia, concebida e mantida por Nivaldo Braga, rutilante espírito a quem nossa terra deve, além dessa realização, uma notável

Revista do Paraná que circulou durante algum tempo com pleno êxito.

A Arcádia, consoante nos esclarece Rocha Pombo (15) arregimentou a "élite" dos intelectuais dos fins do regime imperial, visando à finalidade de comemorações cívicas entre as quais sobressaia a data de 19 de dezembro. Depois, já em plena República e quando ainda fumegavam as armas ainda há pouco empenhadas em lutas fratricidas, surgiu aqui o Cenáculo de Dario Velloso, Antonio Braga, Julio Pernetta e Silveira Netto, assombrando a pacatez de Curitiba aldean e rústica com suas inovações rebelionárias, inspiradas no simbolismo.

Embora não constituísse uma Academia, constituiu uma escola cuja repercussão nacional foi enorme e cuja influência sôbre as três gerações subsequentes de Euclides Bandeira, Rodrigo Junior e Tasso da Silveira consideramos decisiva e fecunda.

Enfim, em 1912 veio o Centro de Letras do Paraná. Seu fundador, o grande Euclides Bandeira, jornalista, poeta e prosador, retrospectivamente lhe a origem escreveu não ter a sua idéia vindo "na maré montante das Academias então a alagar o Brasil de Norte a Sul." (16) Surgindo modestamente, êle congregou tôda a intelectualidade paranaense, sem distinção de idade, escola, crença e grau cultural. Propondo-se principalmente fomentar a publicação de obras, logrou seu "desideratum", primeiro, editando livros como os de Julia da Costa, Dias da Rocha e Domingos Nascimento, segundo prestigiando seus consócios a editarem seus trabalhos. E foram numerosos os desta natureza, lançados à égide do Centro. Sua vida constituiu uma tradição honrosa para a história da nossa literatura. Em 1923, um dissídio nessa entidade literária provocou a formação de outra agremiação, votada às elocubrações intelectuais: A Academia de Letras do Paraná. Aliciando notáveis valores da época, ombreando as velhas com a novíssima geração, amparada pelo oficialismo, êsse sodalício teve dias triunfantes. Realizou brilhantíssimas sessões e suscitou a publicação de elogios de vários escritores, patronos de titulares como Niepce da Silva, Jaime Balão, Moisés Marcondes, etc.

Estava, porém, escrito que seria temporária a existência da Academia. Afrouxando o critério seletivo, ela abriu seu recinto a figuras políticas do momento. E isto lhe criou lamentável crise. Ernesto d'Oliveira, pujante cerebração conterrânea, "doublé" dum satirista perigoso não se conteve. E numa demonstração impressionante de seu "sense of humour" lançou deliciosa carta de protesto contra a insigne companhia. Dizia essa peça ímpar da nossa mirrada literatura satírica: